



João Bosco Mota Amaral

União Europeia em crise identitária

Chega a ser confrangedor o quadro geral em que se situa presentemente o funcionamento dos órgãos dirigentes da União Europeia.

Avulta, e tudo parece condicionar, o problema da saída do Reino Unido. Sucedem-se as reuniões do Conselho Europeu, sempre apresentadas como decisivas, mas afinal nada se decide e tudo fica adiado para uma próxima Cimeira, seja ordinária ou extraordinária. Há dificuldades grandes na negociação e uma das maiores é a reposição da fronteira entre a Irlanda e o Ulster, que contraria os acordos feitos para acabar com o conflito sangrento na área, que durou décadas e fez centenas de vítimas.

Entretanto, o ambiente político britânico está muito perturbado, o Governo e a Primeira Ministra estão enfraquecidos, há manifestações anti Brexit com centenas de milhar de participantes, pende uma ameaça de rejeição de um eventual acordo de saída por deliberação do Parlamento, se os votos dos descontentes do Partido Conservador se somarem aos dos deputados do Partido Trabalhista, prevendo-se a imediata convocação de eleições legislativas antecipadas, de resultado imprevisível.

Imprevisível é também a composição do Parlamento Europeu após as eleições do próximo mês de Maio. O tradicional conúbio de democratas cristãos, social-democratas e socialistas, que tem predominado desde o início, encontra-se seriamente ameaçado. Os partidos nacionais correspondentes a essas famílias políticas europeias têm vindo a perder força nas eleições levadas a efeito em diversos estados-membros da União. Em França parece mesmo estarem destruídos, em benefício do partido do Presidente da República e dos extremistas de Marine Le Pen. Na Alemanha essa derrocada não será tão acentuada, mas também se verifica, sobretudo quanto ao SPD, preso no abraço de urso da Grande Coligação com a

formação partidária liderada pela Chanceler Angela Merkel; dá alguma esperança o possível crescimento dos Verdes, com uma plataforma eleitoral pró-europeia e aberta à imigração, mas, por outro lado, é inquietante o crescimento da extrema-direita, com a sigla Alternativa para a Alemanha, cujo discurso político, infelizmente, tem demasiadas ressonâncias evocativas do nazismo, de triste memória, para dizer pouco...

A evolução verificada em alguns países do leste europeu causa também preocupação. A pretexto de eliminar relíquias do totalitarismo comunista, por lá vigente durante meio século, sob imposição da Rússia soviética, adoptam-se leis contraditórias com os princípios democráticos e até em colisão com o respeito dos direitos humanos, que estão no código genético de todo o processo da integração europeia. O Parlamento Europeu já condenou algumas dessas práticas, concretamente na Polónia e na Hungria, mas estão reportados procedimentos de cariz autoritário em vários outros países da área, por sinal não tão censurados como os acima referidos. Ora, a identidade europeia fica ameaçada quando se quebram os alicerces sobre os quais vem sendo laboriosamente construída a união dos povos da Europa, que são o respeito dos direitos humanos, o regime democrático e o Estado de Direito.

Com a atenção concentrada nestas questões, passou para segundo plano a urgente reforma do Euro e a solução dos problemas derivados da crise financeira, que tanto penalizou alguns países, entre os quais Portugal. Houve propostas arrojadas sobre a matéria no início do mandato do Presidente Macron, ainda assim muito longe daquilo que se afigura necessário e até urgente, quando se começa a falar da possível iminência de uma nova crise...

O tempo não parece, porém, propício para deva-

neios quanto a tais assuntos. O Presidente francês está a afundar-se perante a opinião pública interna, ao forçar reformas de nítido teor neo-liberal, vistas como favoráveis aos mais ricos. Por seu turno, a Chanceler alemã está assediada por milhentos problemas internos, o menor dos quais não é certamente aguentar o seu governo e a periclitante coligação que o sustenta no Parlamento.

Acrescem as tensões sobre os orçamentos de alguns países membros, muito próximos dos limites estabelecidos para defesa da estabilidade financeira do conjunto da zona euro. A Itália, invocando necessidades internas inadiáveis, apresenta-se em atitude de desafio aos cânones monetaristas prevaletentes e já está a enfrentar críticas e até ameaças da parte das autoridades da União. Mas a França não lhe fica muito atrás na aproximação aos limites máximos admissíveis da défice e, como de costume, ninguém tuge nem muge...

À beira de perder um dos seus membros mais fortes em termos militares, quando a defesa europeia ascendeu a um novo patamar de actualidade perante as atitudes pelo menos estranhas da Administração norte-americana; enredada na definição de um rumo firme, por todos os países membros respeitado, quanto a conceitos fundamentais; quase perdida nos labirintos da moeda única e das suas implicações financeiras – a União Europeia não está num dos seus momentos mais felizes.

Pergunto-me por isso que argumentos vão ter de ser inventados para mobilizar os cidadãos, sobretudo os jovens eleitores, para o voto nas eleições europeias do próximo mês de Maio.

(O Autor, por opção pessoal, não respeita o assim chamado Acordo Ortográfico.)



J. Chrys Chrystello

Parabéns ao Sr. Bolsonaro pelo regresso do Brasil ao passado

Parabéns ao Sr. Bolsonaro por ganhar a segunda volta eleitoral, sem rodeios, agora vai poder levar o Brasil de volta à década de 1960, se os senhores militares não o depuserem, depois dele tomar posse. Nunca houve grandes dúvidas, pois os americanos quando se esforçam em levar a democracia a países atrasados, fazem-no bem...e esta, a 152ª intervenção ocorreu sem invasões militares nem sanções económicas, usaram métodos mais certos e sofisticados de manipulação, mais adequados ao século XXI

Por outro lado, pensemos positivamente, se tem parentes e antepassados europeus, pode sempre voltar para a velha Europa e torná-la um continente mais aprazível, comecem já a pedir os vossos passaportes.

Se é proletário, índio ou de qualquer minoria

lamento, mas o futuro é sombrio, sem grandes hipóteses de fuga à morte, ao genocídio, à miséria e a tudo de bom que havia na década de 1960, sem acesso ao ensino superior, elevado grau de iliteracia, fome, assassinatos em massa, esquadrão da morte, serviços sem direitos, horários de trabalho alargado, a omnipresente igreja de vários tons e cores sempre a apoiarem o poder instituído (nele apostando, financiando e votando, arrastando milhões de crentes), a censura nos meios de comunicação, a calma aparência da ordem e do progresso que consta do estandarte.

A Boeing já levou a EMBRAER para outros voos, o petróleo voará da mesma forma, a Amazônia será enfim libertada para ser explorada livremente por garimpeiros, rendeiros e mineiros, os sem-terra ficarão (de novo) sem terra, o crime e

a droga serão alvo de grandes operações militares mediatizadas, e a nova elite do país, que se julga culta e sofisticada, embelezará de novo o Palácio de Versailles como em finais do século XIX.

Claro que a corrupção voltará a ser o que sempre, a imagem de marca do Brasil independente, nem mais nem menos do que dantes, mas a censura tratará da saúde de quem fale disso.

E o mundo continuará, com mais ou menos protestos, como continuou com Pinochet, Pol Pot, Trump e outros, e como diz aquele velho clássico nórdico “nada de novo sob o sol”.

**Jornalista, MEEA/AJA (Australian Journalists' Association - Membro Honorário Vitalício 1983-2018)*